



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

HÁ tempos assistimos na escola à distribuição de prémios. Foi uma sessão agradável onde estiveram presentes as autoridades e alguns papás, poucos, diga-se. O momento era de alegria, como se compreende e então quando existem ou se sabe existem lembranças para todos — referimo-nos aos escolares — e a oferta de um almoço, o contentamento radobra. Só faltou a cantoria e, integrado nesta, o hino nacional. Esta ausência preocupou-nos.

Perguntámos por isso a um familiar se a aprendizagem de A Portuguesa não era obrigatória no ensino básico. Disse-nos que não, embora na sua escola, ela se ensinasse. Como no ciclo e no secundário o seu ensinamento não se torna impositivo, temos que concluir que actualmente a mocidade passa a gente graúda sem aprender a entoar o hino da pátria, o que, quanto a nós, está mal.

O HINO NACIONAL

Propositadamente invocamos aqui o nome da pátria, conceito que certas correntes vanguardistas pretendem delir ou afundar em meio de outras preocupações ditas sociais. No entanto a pátria é uma realidade que se impõe às pessoas, aos cidadãos e que estes aprendem ou tendem a amar desde pequenino. Por uma nesga de território quantos milhões de soldados não morreram já!...

Que relação existe entre a pátria e o hino nacional? Este, o hino, é uma emanção daquela, uma hipóstase. Pelo hino reforça-se o amor ao torrão natal. Veja-se o que acontece num encontro de futebol entre duas nações. Entoa-se o hino nacional de cada um dos opositores e os seus sequazes logo se levantam e empolgam. Quer a melodia quer a letra são apossados pelos assistentes e é num frémito de emoção e de patriotismo que as pessoas reclamam os seus egrégios avós que hão-de levar a uma vitória certa. Todos recordámos nuns jogos olímpicos disputados anos atrás, aquela atleta gaulesa, de corpo frágil, alma de gigante, que apesar de se ter imposto às suas adversárias num alarde de força, de genica, de vontade, se derreteu em choro quando, perfilada, ouvia o hino da sua pátria, a Marselhesa, ao mesmo tempo que a bandeira tricolor, outro símbolo, se elevava em direcção ao topo do mastro. Foi um quadro que emocionou o mundo inteiro.

A Portuguesa apareceu e oficializou-se em dois momentos nacionalmente emotivos. Um aconteceu na altura (1890) em que a Inglaterra, a cínica Inglaterra, como lhe chamou Guerra Junqueiro, nos enviou um ultimato a impor-nos a saída das terras situadas entre Angola e Moçambique. O país vibrou de indignação e patriotismo. Alfredo Keil captou esse momento, esse climax, e plasmou-o numa música vibrante. Lopes Mendonça, arrebatado também pela emoção que varria Portugal de um extremo ao outro, fundiu numa maravilhosa simbiose, as estrofes necessárias ao enquadramento musical. Surgiu assim esse grito de revolta, esse clamor de indignação, que se chama Portuguesa e que mais tarde, em 1910, os títeres republicanos converteram em hino nacional.

Com ele ficamos a amar mais a pátria e é por isso que entendemos que esta mensagem, a sua mensagem deve ser captada nos tempos, se não, antes, em que aprendemos o ABC.

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

JOSÉ PINHEIRO BORDA

Pessoa amiga proporcionou-nos a leitura de alguns recortes de jornais de Rio Grande do Sul, Brasil, com a data de Junho de 1965. Da sua leitura ficámos com a certeza de que nunca em tempo algum um fangueiro foi tão pranteado na sua morte como José Pinheiro Borda que naquele estado viveu cerca de 40 anos. Pranteado e homenageado. Cremos que a coroa dessa homenagem aconteceu não só através das palavras que os principais diários daquela cidade brasileira lhe dedicaram na altura do seu passamento como sobretudo através da colocação do seu busto situado à entrada do estádio do Sport Clube Internacional.

José Pinheiro Borda nasceu em 28 de Setembro de 1897 e morreu em Junho de 1965. Era irmão do P.e Avelino Borda. Seu pai foi capitão de longo curso. Com ele visitou lugares distantes de todo o mundo. Um dia o seu progenitor foi contratado pela Costeira e o filho foi com ele. Completou os seus estudos de navegação no Brasil, na antiga escola de Marinha Mercante onde teve por professores alguns oficiais que mais tarde seriam almirantes ilustres. Um dia ancorou em Porto Alegre. Aqui se radicou definitivamente, trocando a navegação pelo comércio e contraindo matrimónio com a Srta Maria Azevedo Moura, da alta sociedade local.



Foi presidente do Jockey Club e responsável directo pela realização do fabuloso hipódromo do Cristal, um dos maiores cartões de visita da cidade. Foi agraciado com o título de cidadão de Porto Alegre em acto conferido pela Câmara de Vereadores.

Desempenhou igualmente as funções de Presidente do Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional e era ainda Presidente da Comissão Pro-Construção do estádio do Internacional quando a morte o surpreendeu. Tal vigor investiu na construção deste complexo desportivo que o «Jornal do dia» de 27-4-65 termina assim a notícia do seu falecimento: «E para satisfação de todos nós, sugerimos à Direcção do

Internacional que se estude a possibilidade de no dia da inauguração do novo estádio ouvirmos dizer: Está inaugurado o Estádio José Pinheiro Borda». De igual modo elogiosas foram as palavras do jornal «Diário de Notícias» de 27-4-65 que assim fecha o panegírico traçado ao nosso conterrâneo: «O Rio Grande perdeu um vulto singular, cujas dimensões só a história poderá apresentar».

O «Zero Hora», também de 27-4-65, abre deste modo com a notícia do seu falecimento: «Homenageado pelo Internacional e Federação Rio Grandense de Futebol, que tomaram luto oficial por três dias; pelos governos do estado e do Município, pela Câmara de Vereadores e Assembleia Legislativa; pela Igreja, representada na Oração Fúnebre por Dom Edmundo Kurz, bispo auxiliar de Porto Alegre, pelo Conselho Regional de desportos, pelo Jockey Club do Rio Grande do Sul, por um sem número de organizações desportivas, civis, comerciais bancários, pelas Forças Armadas de quem era amigo, foi ontem sepultado o cidadão Porto-Alegrense José Pinheiro Borda».

O «Jornal do Dia» de 27-4-65 diz de José P. Borda: «Deixar atrás de si



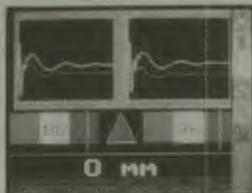
REIMELI

REPRESENTAMOS EM PORTUGAL OS CENTROS DE INSPECÇÃO E PRÉ-INSPECÇÃO **CARTEC**

Teste de Paralelismo
VIDEO



Teste de Suspensão
VIDEO



Ecran
VIDEO

Teste Diferença
de Ângulo
em Curva VIDEO



CARTEC



Teste de Travões
VIDEO



VIDEO line 2000

Registo de
Dados em A4

TESTE DE GASES DE ESCAPE
para gasolina e diesel

VIDEO line 2000

DETECTOR DE FOLGAS

(EQUIP. JÁ INSTALADOS NOS CENTROS DE INSPECÇÃO DO INSTITUTO S. E QUALIDADE)

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

CONSULTE-NOS!
TEMOS AS MELHORES SOLUÇÕES!

Visite as nossas Exposições:



PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 272 - TEL. 6091018 / 696105 - FAX 6067385
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, 1693 - TEL. 7597204 - FAX 7597206

MOVIMENTO CÍVICO FANGUEIRO

BOLETIM INFORMATIVO NR. 0

Passaram já, mais de trinta dias sobre as eleições autárquicas em Fão, e, é pela primeira vez que nos dirigimos ao povo fangueiro.

Somos um movimento cívico criado a partir de um grupo de fangueiros que julgou conveniente juntar-se para se candidatar à Assembleia de Freguesia de Fão.

Porque, como ficou provado na nossa campanha, não quisemos atacar ninguém, e porque a nossa mensagem foi recebida já por um elevado número de pessoas, sentimos que não poderíamos deixar morrer esse movimento apadrinhado pelo núcleo local do partido socialista, e, por via disso, aqui estamos para tentar dar vida a este movimento cívico que não pretende ser mais do que a voz daqueles que querem, como prometeram, fazer alguma coisa de válido para a nossa terra.

Saberemos ser, apenas e só, um movimento que acompanhará o desenvolvimento e o progresso da nossa terra, em todas as áreas, sem nos metermos na mesquinhez de políticas baixas, sem reivindicarmos só para nós aplausos ou boas-vontades, mas, cientes de que, todos só teremos a lucrar com a determinação que impusermos na melhoria de relações de equilíbrio e entre-ajuda com todas as forças vivas de Fão, quer políticas, quer culturais, quer desportivas.

Assim seja entendida por todos esta vontade de colaborar.

Sairemos mensalmente a público para dar notícias se os apoios não faltarem. Por nós estamos dispostos a colaborar.

Por último, queríamos agradecer, em primeiro lugar, a todos aqueles que acreditaram em nós, porque não os vamos decepcionar; em segundo, a todos aqueles que tiveram vontade de o fazer, e por isto ou por aquilo não o conseguiram; que acreditem que por Fão somos capazes de tudo; e, em terceiro, a todos aqueles que não nos quiseram apoiar por motivos óbvios, que acreditem que sentimos Fão, tanto como os outros, que somos tão fangueiros como os demais, e que todos juntos seremos capazes de pegar em Fão ao colo e dar-lhe todo o carinho que merece.

P'la Comissão Coordenadora

JOÃO LUÍS REIS
ARTUR SOBRAL

CARTA DE UM FILHO PARA SER LIDA POR TODOS OS JOVENS

Sinto muito, meu pai, que este diálogo seja o último que tenho contigo. Sinto muito... saber Pai... estás ainda a tempo de saberes a verdade, que nunca soubeste. Vou ser breve e claro. A «droga» matou-me, Pai!

Tomei conhecimento com a minha *assassina* aos 15 anos de idade. É horrível, não é Pai? Sabes como começamos nisso? Através de um *senhor elegantemente vestido* que nos apresentou à nossa futura assassina: «a droga». Eu tentei, tentei mesmo, recusar, mas o cidadão mexeu com o meu brio, dizendo que eu não era homem.

Ingressei no mundo da «droga».

No começo foram as tonturas; depois fantásticos sonhos; a seguir a escuridão. Não fazia nada sem que a «droga» estivesse presente. Depois foi a falta de ar, o medo, as alucinações, logo após o pico da euforia.

Eu sentia-me mais gente que os outros, e a «a droga», minha inesquecível companhia, sorria... sabes, Pai, nós, começando com a «droga», achamos tudo ridículo e engraçado. Até mesmo Deus eu achava ridículo. Hoje, neste hospital, eu reconheço que Deus é o ser mais importante do mundo.

Pai, tu podes não acreditar, mas a vida de um *toxicodependente* é terrível. A gente sente-se dilacerado por dentro. É tão horrível, que todos os jovens devem saber que nunca se deverão meter na «droga». Já não posso dar três passos, sem cansar. Os médicos dizem que vou ficar bom, curado, mas, quando saem do meu quarto, abanam a cabeça, eu bem sei, em sinal de lamento. Pai, eu só tenho 19 anos e sei também que não tenho a menos chance de viver muito mais. É muito tarde já para mim, Pai.

Tenho um último pedido a fazer-te Pai: diz a todos os jovens que conheceres, em cada porta de escola, nas faculdades, nas fábricas, nos cafés ou em qualquer outro lugar, que há sempre um homem elegantemente vestido e bem-falante que irá mais cedo ou mais tarde, mostrar-lhes a futura assassina, a destruidora das suas vidas, a «droga» que os levará à loucura e à morte, como a mim.

Perdoa-me pelo que te faço sofrer.

Perdoa-me pelas minhas loucuras.

Não deixes que aconteça a mais ninguém, se pudeses.

Esta carta foi escrita por um estudante viado em droga pouco antes de morrer. É um grito de alarme que deve ser ouvido e reflectido.

Solicita-se a quem ler a sua divulgação.

PELOS BOMBEIROS

Realizou-se na semana passada a Assembleia Geral Ordinária da Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão que tinha por principal objectivo eleger os novos corpos gerentes para o ano de 1994.

Como em equipa vencedora não se mexe, foi reconduzida a actual Direcção que boa conta tem dado de si. Para não falarmos de outras acções, nomeadamente o apetrechamento de viaturas, temos que destacar a construção do novo quartel que bem pode considerar-se um motivo de orgulho quer para os bombeiros, quer para a terra.

Para coadjuvar nos trabalhos de secretaria a Direcção agregou a si a menina Maria de Lurdes Andrade Novais que é filha do actual secretário.

O novo quartel será inaugurado no dia 19 de Abril. Os actuais corpos gerentes são constituídos pelos senhores:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Dr. José Manuel Borda Rodrigues; Vice-presidente: Raúl Albino Campos Alves Pimenta; 1.º Secretário: Armando Gageiro Reis; 2.º Secretário: Carlos Francisco Costa Palma Rio.

CONSELHO FISCAL

Presidente: Eng. Sérgio Manuel Mariz Dias Ferreira; vice-presidente: Domingos Reis Assunção; Secretário: António Graça do Vale; Vogal: Manuel Vale de Sousa.

DIRECÇÃO

Presidente: José Artur Saraiva Marinho; vice-presidente: Norberto Manuel Pereira da Silva Mota; Tesoureiro: Manuel Ramos Morgado; 1.º Secretário: Joaquim Hernani Vinha Novais; 2.º Secretário: Rogério de Sousa Morgado; Vogais: Angelo do Vale Miranda, Miguel da Silva Ferreira Pereira e Maria de Lurdes Andrade Novais.

CAMINHO

No caminho florido desta vida
(Às vezes tão incerto...)
Somente um lírio aberto,
Perfumou à partida
Esta minha aventura
E encheu de poesia e de candura,
O meu destino.

— Ah! Minha flor da Infância,
Capulho imaculado
Da minha meninice,
Ainda tão formoso na distância,
Imagem do meu berço pequenino,
De canções e carinho rodeado!...

Foi esta bela flor,
Que encheu de Paz e Amor,
de sonho e garridice,
O meu caminho há muito começado.

DINIS DE VILARELHO

 **Optica**
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

(CONSULTAS GRATUITAS)

Rua da Misericórdia, 4-6 — Tel. 75777

4700 BRAGA

DE APÚLIA

AUTARCAS DE APÚLIA JÁ TOMARAM POSSE — No último parágrafo da local que com este mesmo título publicamos na última edição de «O Novo Fanguero» deixámos explícita a ideia de que os membros eleitos da «LIPA» (Lista Independente Por Apúlia) não aceitaram os lugares que por direito lhe cabiam, o que não corresponde à verdade.

Afinal, a «LIPA» não recusou nada porque nada lhe fora oferecido.

O erro, que lamentamos, teve origem numa informação menos rigorosa que nos foi fornecida, e terá suscitado reparos dentro daquela força política.

Assumimos a falha e apresentamos as nossas desculpas aos visados.

FALECIMENTOS — No lugar de Criaz, faleceu no dia 14 de Janeiro último, o Senhor JOÃO VILAS BOAS REI, nascido em 3 de Março de 1946.

Era filho de Manuel Martins Rei e de Maria Gomes Vilas Boas, e deixa viúva a Senhora D. Maria Emília Miranda Domingues.

— Em 21 do mesmo mês, no lugar de Paredes, faleceu a Senhora ALEXANDRINA FERNANDES DE SÁ, nascida em 19 de Fevereiro de 1921.

Era filha de Maria Fernandes Fabião.

— Ainda no mesmo mês, no dia 30, faleceu, no lugar da Igreja, a Senhora ALEXANDRINA DOS SANTOS SÁ LOPES, solteira, nascida em 12 de Novembro de 1911.

A extinta era filha de Joaquim de Sá Lopes Fernandes e de Alexandrina Martins dos Santos.

Para todos os familiares enlutados, aqui deixamos os nossos pêsames.

AS NOSSAS PRAIAS — Como não há duas sem três, também as praias de «Furado» e de «Couve», depois da destruição parcial das «Pedrinhas» e de «Cedovem», se encontram em estado lastimoso, depois dos últimos temporais no mar.

A areia deu lugar a uma interminável e feia cordilheira de rocha, que se estende do «salva-vidas» até «Cedovem».

É possível que o mar recomponha ainda estas duas praias até à época balnear, como o terá feito ao longo do tempo, em anos anteriores. Mas vai ser difícil, dada a quantidade imensa de areia que o mar levou.

Dizem os que sabem destas coisas do mar, que este fenómeno se deve em parte à mudança das correntes naturais das águas, provocadas pela construção dos inúmeros esporões que «embelezam» toda a orla marítima, de Apúlia até ao Neiva.

Mas, que o principal causador continua a ser o famigerado esporão das «Pedrinhas», que já destruiu esta praia e a de «Cedovem».

FUTEBOL — O futebol do Grupo Despor-

tivo de Apúlia desenrola-se em quatro frentes: sénior, júnior, juvenil e iniciados. Os últimos resultados conhecidos, e que se reportam à última semana de Janeiro, são os seguintes: Séniores — Apúlia, 2 - Gondifelos, 0; Júniores — Alvelos, 3 - Apúlia, 1; Juvenis — Apúlia, 2 - Esposende, 0; Iniciados — derrota do Apúlia por falta de comparência no Braga. As classificações, também até à última semana de Janeiro. Séniores — Apúlia em 5.º lugar com 19 pontos. Em Júniores — Apúlia em penúltimo lugar com 6 pontos. Em Juvenis — Apúlia em 8.º lugar com 9 pontos. E Iniciados — Apúlia também em 8.º lugar com 13 pontos.

CLUBE DE CAÇADORES DE APÚLIA — Certamente que ligado umbilicalmente ao Grupo de Sargaceiros, e possivelmente a outras Associações de carácter social e recreativo de Apúlia, está em gestação o Clube de Caçadores de Apúlia.

Para esse fim já se fizeram duas reuniões com caçadores, e vai-se proceder ao repovoamento cinegético de alguns montes, a Norte e a Sul da freguesia, para o que já existem algumas dezenas de coelhos, comprados na vizinha Espanha.

Agora, só resta que as propostas apresentadas ou avançadas mesmo, sejam postas em prática.

AS OBRAS DE SANEAMENTO AINDA MEXEM — Agora a zona afectada tem sido a estrada de saída (ou entrada) de Apúlia, pela Bonança, do café Pimenta até à antiga azenha do «Do Norte». O trânsito por ali, que em princípio foi feito com muitas limitações, está agora encerrado a veículos.

Em contrapartida, a Rua do Facho, está quase completa, e já foi aberta ao trânsito nos dois sentidos. A Rua da Casa do Povo, que já está a ser calçada, encontra-se também em fase de acabamento.

ESTRADA DA MORTE — Ali, na estrada nacional 13 (agora parece que se chama IC 1) no lugar de Criaz, em frente à capela de São Bento, aconteceu mais um acidente de viação em que foram envolvidos e gravemente feridos mais dois apulienses, os irmãos ZACARIAS PAULO E MANUEL EMÍLIO Faria Santil, residentes no referido lugar de Criaz.

O caso, não fora o ineditismo da situação, seria apenas mais um a juntar a outros, que já ceifaram ali, no mesmo local, 30 vidas.

É que estes acidentados, são filhos de Manuel Felix Santil, que ali morreu há 6 anos, irmãos de um outro também Manuel Emílio Faria Santil, que ali morreu há 26 anos, sobrinhos de Manuel Gonçalves Fernandes Faria, que ali morreu há alguns anos, e primos de Manuel Alberto Faria, que também ali morreu há 5 anos.

Aquele pedaço de estrada, que tem fatídico para muitos apulienses, tem sido também um autêntico cemitério para a Família Faria Santil.

E vai continuar a fazer vítimas. O local é ponto obrigatório de passagem dos habitantes de Criaz, já que a estrada o divide ao meio, e é por ali que se deslocam de uma parte para a outra.

As passeadeiras tracejadas na estrada não resolveram nem resolvem o problema. Mas talvez o conjunto de semáforos luminosos, como existem na mesma estrada no alto de Navais, limitasse em parte a gravidade e o número de acidentes.

A Lista de Independente que concorreu à Autarquia em Dezembro último, tinha no seu programa esse propósito.

Cremos que não ficaria mal à Junta de Freguesia agarrar esse assunto e procurar para ele a melhor solução.

Os motivos não lhe faltam, porque infelizmente eles já são de sobra. E os dos seus mais influentes Membros, já sentiu a dor, há menos de dois anos, de perder ali também um filho.



FALECIMENTOS

— No mês passado faleceu em Fão a nossa conterrânea Laura Gaifem que era uma das poucas lavradeiras que ainda existem em Fão. Era da nossa rua. Pessoa cheia de vida, cheia de alegria, dava-nos (aos miúdos) muita atenção. Estava casada com o Zé da Olaia, outra figura simpática da nossa meninice. Já lá está.

Que descanse em paz.

— Com 82 anos de idade faleceu na semana passada em Fão Ondina Reis Graça (Ondina Padeira).

Aos seus familiares apresentamos condôências.

LOJA BOM TOM

PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Ainda agora era Natal, e mais um Carnaval já nos bate à porta! Com que rapidez o tempo passa! Oxalá o aproveitem de uma forma agradável, mas positiva, preparando no dia de hoje o tempo de amanhã.

AS VERDADES ESQUECIDAS

Por MARIA HELENA CAMATE

O sonho do homem sempre foi dominar a Natureza.

Conhecer o seu funcionamento e as leis que comandam o seu futuro tornou-se uma tarefa prioritária da ciência e da tecnologia. Vista como algo inerte e passivo, desvalorizada à condição de «coisa» a Natureza viu-se afastada para o papel de adversário que urgia controlar e domesticar.

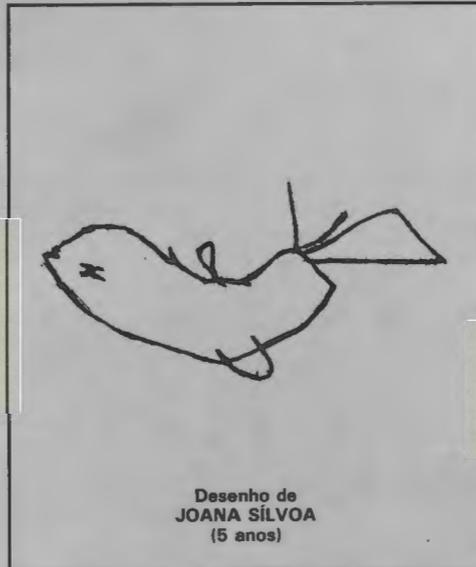
No entanto, sem o saber, o homem distanciou-se de si mesmo e esqueceu-se que o mundo que criava — um mundo artificial — não podia viver sem o outro — o mundo natural.

Esqueceu-se de coisas tão simples como respirar o ar puro dos dias, a frescura sã da água, ou o prazer revivificante do vento. No seu incontrolável desejo de quantificar e de acumular, o homem deixou de se compreender e de se questionar sobre algumas verdades essenciais, como saber o destino que podia deixar aos seus filhos ou as opções que devia tomar para forjar um futuro com futuro. Reconfortado pelo que julgava ser o seu instrumento primordial — a Razão — o homem criou um mundo onde ele próprio começa a não ter lugar.

(Continua no próximo número)

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 



Desenho de
JOANA SILVOA
(5 anos)

PAUSA PARA SORRIR

A esposa, decepcionada com o pouco carinho e companhia que o marido lhe dispensava, observa-lhe, em ar de censura:

— «Quando namorávamos, tu dizias-me sempre que antes querias viver comigo no inferno do que sozinho no céu...».

Dado que a senhora tinha muito mau gênio, o marido responde-lhe:

— «E então, filha! Como vês, consegui o que queria...».

★

Um aldeão vem pela primeira vez à cidade. Vem tirar um dente. Um vizinho, lá na terra, já o tinha tranquilizado, dizendo-lhe que não fazia doer, que o dentista dava um remédio para adormecer e não se sentia nada.

Ora o amigo referia-se a adormecer a região onde está o dente, mas ele julgou que era para ficar a dormir.

Por isso, quando o dentista pegou na seringa, ele puxou da carteira e começou a contar o dinheiro.

— «Não, não, paga no fim, à minha empregada» — explica amável o clínico.

— «Não é isso» — explica o camponês. Eu estou mas é a contar o meu dinheiro antes de vocemecê me pôr a dormir...».

SEDE DE INFINITO

*Chorei pela vida,
Por ter que deixar
Este mundo.*

*Chorei pelo que não tive,
Porque não estais aqui,
Porque deixareis de estar.*

*Enfim,
Chorei porque tudo
É belo!*

*E aqui me quedo,
Contemplando com as
Minhas lágrimas irreprimíveis,*

*Que são talvez o que
De mais puro há nos homens,
A perfeição comovente*

*Do Mundo.
Fico sentada.
Olho-o, com os*

*Olhos aguados.
Vejo o Mundo
Nublado,*

*A vida indefinida.
Mas mesmo
Assim acho-os lindos.*

*E idolatro-os,
E afundo-me,
Perco-me e encontro-me*

*Na eternidade
De tudo que vejo,
Mas que nunca
Fará parte de mim...*

Marta Mariz Mendes

A ÁRVORE

A árvore
É um bem da Natureza
Trata-a com carinho
E verás a sua beleza.

Quando vais caminhando,
Com um sol de matar,
Põe-te debaixo duma árvore
Para poderes descansar.

Tu que és tão bonita,
Tens filhos maravilhosos,
Com o teu ar de princesa,
Os teus pinhais são formosos.

Oh! Árvore
Nada a ti é igual,
Tu, que andas pela vida
És filha de Portugal.

Ivone



AgrEvo

Uma companhia da Hoechst e Schering



Juntos com a Natureza na protecção das plantas

Proteger as culturas agrícolas é o nosso objectivo. Queremos também respeitar a Natureza e garantir a qualidade de vida dos Agricultores, numa perspectiva de Produção Integrada das Culturas. A descoberta de produtos inovadores que satisfaçam estas necessidades requer um vasto leque de conhecimentos. Só empresas sólidas e dispostas de meios humanos, técnicos e científicos altamente qualificados podem enfrentar com

confiança os desafios do Futuro. A **AgrEvo**, resultante da associação da Hoechst e Schering, duas empresas com fortes tradições e implantação, constitui um dos maiores grupos mundiais nesta área. Com a energia de uma empresa jovem e a experiência centenária dos seus fundadores, a **AgrEvo** assegura aos agricultores de todo o Mundo meios técnicos eficazes, que protegem as suas culturas sem destruir a Natureza.

Hoechst Schering AgrEvo—Produtos para a Agricultura, Lda.

Apartado 6 – 2726 Mem Martins Codex
Telefs.: (01) 921 21 60 / 921 77 23 – Fax: (01) 926 25 77

Filial Porto:
Av. Sidónio Pais, 379 – Apartado 1041 – 4101 Porto Codex
Telefs.: (02) 606 70 51 / 606 31 61 – Fax: (02) 609 05 70

Um amigo na agricultura. AgrEvo.

TURISMO CHEVE DE DESENVOLVIMENTO

(Continuado da pág. 12)

ra, que durante vários anos exerceu, com muito brilho, as funções de Presidente da Câmara Municipal de Esposende.

Daí que resolvemos reformular a aludida réplica e solicitar ao ilustríssimo Director deste periódico independente a sua publicação.

O autor da citada Local escreveu nesta que «O Turismo é de facto chave de desenvolvimento do nosso concelho». Afirmção de que discordamos, pelas razões que a seguir apresentaremos.

Em tempos, uma dissertação tivemos que apresentar sobre «Turismo, Super-Estrutura do Desenvolvimento Económico Social», que foi muito apreciada e lhe foi atribuída alta valorização.

Nela tentamos comprovar — julgamos que o conseguimos — que a Chave do Desenvolvimento não está no Turismo. Este,

sim, é a Super-Estrutura de uma Economia nacional, regional ou Local. Entre outros argumentos, apresentámos os casos de P. Varzim e de Esposende.

No primeiro caso, apesar de ser um concelho com uma Super-Estrutura Turística muito Desenvolvida: O seu Desenvolvimento não deixa de assentar numa Base Estrutural Agrícola, Pesqueira e, sobretudo, Industrial, bem como muito no seu Porto de Mar «artificial», sem grandes condições naturais para se afirmar, mas com muitas potencialidades no âmbito das pressões políticas e económicas. No caso de Esposende, precisamente nos anos 60, a Câmara de então preocupou-se demasiado com o Turismo, esquecendo-se do seu Porto de Mar — com potencialidades naturais muito superiores às de P. de Varzim — e respectiva Barra, da sua Frota pesqueira, que emigrou para outros Portos Nacionais ou Estrangei-

ros, da sua Agricultura, do seu Desenvolvimento Industrial.

Resultado:

a) Apenas uma meia dúzia de HOTELEIROS e COMERCIANTES se aproveitou do facto;

b) Uma EMIGRAÇÃO maciça e selvagem.

Ora a base de todo o desenvolvimento Económico-Social está nas suas infra-estruturas viárias, eléctricas, hídricas, sanitárias, agrícolas, portuárias, pesqueiras, industriais, culturais... Não está nas belezas naturais, mas sim nas oportunidades de trabalho, de sucesso, de progresso económico-sócio-cultural. O aproveitamento das belezas naturais só poderá ser uma consequência daquele progresso ou, no mínimo, simultâneo deste.

Porque pôs o «acento tónico» da sua gestão naqueles factores, o criador da chave do desenvolvimento concelhio foi sem dúvida aquele já, por alguém, considerado como «[...] um dos mais ilustres Presidentes da Câmara de todos os tempos» (V. Nascer de Novo, n.º 50/84, p. 7):

**PADRE MANUEL MARTINS
SÁ PEREIRA**

O P. Sá Pereira levou a electricidade a todas as freguesias do concelho (quando entrou para a Câmara, só a sede do município e Fão a possuíam); edificou fontenários, construiu vias de comunicação que ligou todas as aldeias à vila e a todos os centros urbanos periféricos; e as estradas e avenidas, sobre que assentam os principais polos turísticos da municipalidade.

O principal motor do desenvolvimento turístico de Esposende foi aquele que, sem almoços e jantares de circunstância, apoiou Sousa Martins e seus financiadores na edificação da Pousada de Ofir. E, de seguida, o empresário do Bazar Braga, sr. Joaquim Soares e os srs. Manuel Sá Pereira (Campinho), João Ferreira e outros, na construção deste empreendimento e o primeiro até a própria vida.

Posteriormente, apoiou, ainda a edificação do Hotel Ofir e dotou o Pinhal do mesmo com as infra-estruturas necessárias para o desenvolvimento do seu complexo turístico. Sem esquecer a Barca do Lago, o S. Lourenço, Apúlia, etc.

E, por agora, é tudo, pois já estamos a ser muito longos para um artigo de jornal.

Por não ser oportuno prolongar mais esta local, vamos por hoje terminar.

Futuramente, voltaremos ao assunto para apresentar provas de delapidação pública que o Padre Sá Pereira fez da su fortuna em prol de obras públicas concelhias, como as antes relatadas, e de empréstimos vários que o mesmo fez às autarquias locais para iniciar ou terminar as referidas obras. Empréstimos estes comprovados com documentos que nos foram facultados por familiares seus, e de que nunca foi reembolsado, conforme o declarou por escrito ao falecido sr. António Portela, que foi mui ilustre funcionário camarário e testemunha desses empréstimos.

(Continua em próximos números)

L.V.

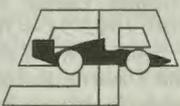
JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

*Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas*

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA
TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS
TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538
APÚLIA — 4740 ESPOSENDE



stand porto

J. SÁ PEREIRA



**COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS
NOVOS E SEMI-NOVOS (C/ GARANTIA)**

QUALIDADE • PREÇO • CORTESIA • PRESTÍGIO

**R. JOAQUIM ANTÓNIO AGUIAR, 87-95 — TELEFS.: 567465-5104988
FAX 567465 — PORTO**

NOVO COMANDANTE DOS BOMBEIROS

O Comandante indicado Norberto Mota esteve em Lisboa a frequentar um curso de comandante de bombeiros. Ficou na capital uma semana e ainda terá que regressar uma segunda vez para frequentar um outro curso complementar. Depois disso vai a Esposende para um outro período de aperfeiçoamento.

Aliás esta preparação específica é obrigatória actualmente para os novos comandantes de bombeiros.

LUZ PÚBLICA

Estão fundidas várias lâmpadas públicas. Já sabemos que a filosofia da EDP é deixar que um razoável número de lâmpadas se estraguem para então as substituir. Este modo de actuar tem por objectivo comprimir as despesas. No entanto, quem se lixa é o mexilhão. Sobretudo na maioria dos casos a luz pública é muito necessária. Entendemos que a Junta deve ser mais enérgica com a EDP e exigir um meio mais eficaz de combater a escuridão de alguns sítios da terra.

O CALDEIRÃO E O LIXO

Os moradores da Pedreiras queixam-se do modo como estão a achuir a pequena doca do Caldeirão. Com efeito, entre o paredão e o terreno do Teodósio existe uma pequena bacia que os autarcas da terra pretendem transformar numa pequena marina. O pior é que o lixo que continuamente estão para lá a deitar, além de mal cheiroso, acabará por fazer desaparecer o fundão que lá existe.

Trata-se de um sítio bonito de terra, escolhido por bastante gente de fora que ali vem pescar e passar as tardes solheiras dos fins de semana.

Se atulharem o local, torna-se evidente que o Caldeirão perde uma das suas caracte-

rísticas principais. Assim sugerimos que ali seja colocada uma tabuleta e se estabeleçam coimas para os prevaricadores.

Fão que em termos comerciais não é uma terra que dê nas vistas, tem que impôr-se ao menos pela sua beleza e limpeza.

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

A Direcção da Cooperativa Cultural convida os associados a participar numa reunião alargada, no sábado, dia 26 de Fevereiro, na sede provisória à R. Prof. Rodrigues, pelas 16 h.

O PERFIL DE HOJE

(Cont. da pág. 1)

um monumental testamento de grandes feitos e um exemplo maiúsculo a ser seguido». E ainda: «Era um homem simples, sincero, puro e sobretudo honesto».

O seu corpo desceu à sepultura enrolado na bandeira que tanto amou e por quem tanto fez.

Trata-se sem dúvida de um conterrâneo que constitui grande motivo de orgulho para a terra de Fão e cujo exemplo serve de guia a tantos fangueiros que mourejam o dia-a-dia nas sete aprtidas do mundo.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 - 60 83 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7567206

PAGARAM A ASSINATURA

1989/90/91/92/93/94 — D. Maria Carolina Barrote Carrilho, Bragança, 5.000\$00. 1990/91/92/93/94 — João Maria de Sousa Nunes da Silva, Esposende, 5.000\$00. 1991-92 — Belmiro Cândido Gomes Viana, Fão, 2.000\$00. 1992 — Cândido Ribeiro Gaifém, Fão, 750\$00. 1992/93 — Júlio de Araújo Gonçalves Novo, Fão, 1.500\$00. 1993 — Dr.ª Maria Rosa de Sá Pereira Portela, Esposende, 1000\$00; Armindo da Rocha Duarte, Penafiel, 750\$00; D. Judite Ribeiro Mota Pais, Fão, 750\$00; Armando Afonso Rebelo Pita, Holanda, 1000\$00; D. Elvira Cubelo Moraes, Fão, 750\$00; Rogério de Sousa Morgado, Fão, 750\$00; José André Campos Ferreira, Fão, 1000\$00; Manuel Ferreira Vale, Fão, 750\$00; Manuel Pedro Guedes Viana, Fão, 750\$00; farmácia de Apúlia, Apúlia, 1000\$00; Sapataria Silmar, Esposende, 1000\$00; Fernando Pedras, Fão, 750\$00; Delfim da Silva Passos, Fão, 750\$00; D. Elvira Pires de Carvalho, Fão, 1000\$00; António Soutelo, Fão, 750\$00; Fernando Jorge Lima Marques, Braga, 1000\$00; Manuel Rocha Ferreira, Fão, 1000\$00; Miguel Horácio Pereira, Fão, 750\$00; Manuel Gaifém Carreira, França, 1000\$00. 1993/94 — Humberto Gonçalves Didier, Porto, 3000\$00; D. Maria Gilda C. C. R. de Almeida, Brasil, 2000\$00. 1994 — Manuel Gomes de Sá, Braga, 1000\$00; Dr. Américo Henrique Selxas, Porto, 1500\$00; Desembargador Dr. José Ramos da Fonseca, Fão, 2500\$00; Carlos Cardoso Salgado, Brasil, 2500\$00; D. Margarida Maria Trindade Linhares, 1000\$00; Daniel Carlos, Fão, 750\$00; Manuel Pedras, Fão, 750\$00; Óptica Oliveira, Braga, 1000\$00; Aleixo Manuel Fortes Ferreira, Braga, 1000\$00; Dr.ª Maria Celeste Sá Pereira Portela, Póvoa de Varzim, 800\$00; António d'Almeida Miquelino, Lisboa, 5000\$00; Manuel Ribeiro da Costa, Fão, 750\$00; D. Maria Emília Viana Espojeira, Brasil, 1000\$00; Valdemar Machado Viana, Brasil, 1000\$00; José Manuel Pires Belo, Fão, 1000\$00; José Miranda Trindade, Fão, 750\$00; Henrique Manuel Caserio Faria, Fão, 750\$00; D. Antónia Gomes da Silva, Fão, 750\$00; Família de Artur Sobral, 1000\$00; D. Virgínia Alves Carvalho, Matosinhos, 1000\$00; Cândido Gaifém da Costa, Matosinhos, 750\$00; José Ramos da Silva, Fão, 750\$00.

A vasta coleção «Dicionários Filéras» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra inovar para o nosso país, feita em moldes semente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores da comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como da especialidade. Enriqecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do espólio de palavras e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desatualizado de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX
IMP. L. RUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8/A/1200 LISBOA

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO ESPINAFRE

(SPINACEA OLERACEA L.)

O espinafre é uma espécie da família das Quenopodiáceas que parece ser originária da Pérsia, e que foi provavelmente cultivado primeiramente pelos árabes, que a introduziram no Norte de África. Quando este povo invadiu a Península Ibérica, trouxeram-no também consigo. Os gregos e os romanos nunca cultivaram esta espécie. Foram pois os povos da Península os primeiros a conhecerem e a cultivarem o espinafre por muitos anos antes que ele fosse conhecido no resto da Europa. Só há cerca de quatro séculos a sua cultura foi introduzida em França e no resto da Europa (De Candolle, 1884). Passou depois com os primeiros emigrantes para o Novo Mundo, e é hoje precisamente nos Estados Unidos da América, onde a sua cultura e o seu consumo atingiu maior popularidade, principalmente depois da primeira Grande Guerra Mundial, em 1918. O seu valor comercial anual chega a atingir cerca de meio milhão de contos, em grande parte devido ao facto do espinafre ser a melhor hortaliça para conservar por congelação.

O espinafre é, como se sabe, rico em vitamina A e contém quantidades apreciáveis de ácido ascórbico, riboflavina e uma pequena quantidade de tiamina. Além disso, é também rico em ferro, tornando-se assim um legume de grande valor alimentar sobretudo para crianças e adolescentes.

As suas folhas são usadas em sopas e em esparregados; o seu puré serve para dar cor verde a certos molhos e é com elas que se obtêm as «omelettes» verdes.

Classificação e Variedades — Quanto às suas características botânicas, o espinafre é uma planta herbácea anual ou bienal, com caule aprumado, ramoso e cancelado, que chega a atingir um máximo de 80 centímetros de altura, embora como regra não ultrapasse 30 a 40 centímetros. A altura boa para serem colhidos é no primeiro estado de desenvolvimento em que o caule está muito curto e as folhas dispostas em roseta perto do solo.

Uma das características do espinafre é ser uma planta dióica; umas plantas só produzem flores femininas que estão dispostas em grupos sésseis, outras dão flores masculinas, agrupadas em cachos, situados nas axilas das folhas. Acidentalmente podem por vezes aparecer plantas monóicas. O agente polinizador nesta espécie é o vento. Os seus frutos de dimensões reduzidas, têm apenas uma semente, que varia de forma segundo as variedades, e pode ser munida de três espinhos (sementes espinhosas), ou arredondada. Segundo a forma das sementes, os espinafres dividem-se em dois grupos: *espinafres espinhosos* e *espinafres inermes* ou *da Holanda*.

As primeiras formas cultivadas de espinafres foram as de semente espinhosa, que por mutação genética deram as formas de semente redonda.

Hoje em dia, há bastantes variedades de espinafres, principalmente nos Estados Unidos da América, tanto de semente redonda como de semente espinhosa. Faremos aqui referência às mais conhecidas: «Monstruoso de Viroflay». — Esta é uma das variedades mais conhecidas, de semente redonda, folhas muito largas

e espinhosas; vigorosa e robusta, mas exigente quanto a matéria orgânica; variedade boa para cultura outonal. «Nobel». — Sementes redondas, folhas grossas, macias, em forma de seta mas arredondadas na ponta, de um verde-escuro, variedade de grande rendimento. Boa para consumir em fresco e também para enlatar. «Bloomsdale Long Standing». — Variedade vigorosa, de grandes rendimentos; folhas grandes, emoladas, verde escuras; boa para cultivar na Primavera, pois como o seu nome indica, permanece sem espigar bastante tempo, mesmo com temperaturas um pouco altas. Nos Estados Unidos é cultivada para exportação.

Dos espinafres de semente espinhosa o mais conhecido entre nós, é o «De Inglaterra», que possui folhas grandes e abundantes, é rústico, resistindo bem, tanto ao frio como ao calor.

Ultimamente os melhoradores de plantas hortícolas têm criado alguns híbridos com resistência ao mildio, oídio e ao mosaico (vírus), como «Samos», «Parrure», «Parys» e outros.

Clima e solo — O espinafre é uma planta que apesar de ser de climas temperados, resiste-se com o calor, sendo, por isso, cultivado em Portugal principalmente no Outono e no Inverno. Nos meses mais quentes, necessita de água em abundância e de locais um pouco sombrios, para produzir folhas maiores, mais carnudas e tenras. Na época calmosa tem tendência para espigar perdendo assim todo o seu valor comercial.

O espinafre pode cultivar-se em qualquer bom terreno, desde que este tenha uma boa drenagem. São no entanto, os solos franco-arenosos, os melhores para a sua cultura, especialmente se se pretende precocidade. Os terrenos de aluvião, ou as terras ricas em matéria orgânica são de preferir se o que se pretende é grande produção.

(Continua no próximo número)

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

O BOM JESUS DE FÃO

Por CARLOS MARIZ

REAL IMPOSTO — A Capela do Bom Jesus foi construída no reinado de D. João V - o Magnânimo (1706/1750). Este rei dedicou especial atenção aos assuntos religiosos do País, protegeu os estabelecimentos religiosos e impulsionou a criação de igrejas, gastando mesmo enormes quantias em obras grandiosas, como a Capela de S. João Baptista, na igreja de S. Roque, em Lisboa e o Convento de Mafra.

Nessa época deu-se notável surto de desenvolvimento no Brasil com a descoberta de minas de ouro e de diamantes, a par do fomento da produção da cana do açúcar, algodão, tabaco, pimenta e canela, o que permitiu o enriquecimento económico de Portugal, para onde essas riquezas eram trazidas e o rei gastou perdulariamente em grandes obras e no desenvolvimento das letras e das ciências, embora esquecendo a indústria e a agricultura.

Para o Brasil emigraram muitos portugueses e muitos campos foram abandonados. Também para o Brasil emigraram muitos fangueiros, daí ter vindo de lá muito dinheiro para as obras do Bom Jesus.

Dado o espírito magnânimo do monarca, os oficiais do Bom Jesus solicitaram-lhe a criação de um imposto real para as obras da Capela.

Por documentos com data de 17 de Setembro de 1735, lavrado em Barcelos, «nas casas onde estava pousado o doutor João Quaresma de Almeida, procurador da Comarca de Viana à Foz do Lima», verifica-se que El-Rei D. João V, a 21 de Outubro de 1711, assinou uma provisão criando um real imposto, que consistia na cobrança de um real por cada quartilho de vinho, que se vendesse em Fão, até atingir o total de dois contos oitocentos e quarenta e quatro mil réis de se destinava «a

fazer a obra da Capela do Bom Jesus de Fam».

Em 1735 estavam cobrados um conto seiscentos e quinze mil cento e setenta e seis réis e a Irmandade foi autorizada a continuar a cobrança até atingir o total fixado na provisão régia.

AGÊNCIA DAS FITAS E MEDIDAS — Outra fonte de receita para as obras do Bom Jesus, especialmente para a reconstrução da Casa das Alfaias, foi a venda de fitas e medidas (métricas como hoje lhe chamamos). A Irmandade comprava fitas de pano que, por pintura conveniente, eram transformadas em medidas e, depois enviava para as diversas delegações de venda: as Agências de Fitas e Medidas. Estas fitas eram benzidas em Fão, tocadas na Imagem Sagrada e, para os devotos, isso as transformava em objectos sagrados, que os ajudavam nos seus negócios.

Funcionavam agências em vários pontos do país e do Brasil. Vendiam-se as fitas e medidas em S. Bartolomeu do Mar (no dia da festa), na Póvoa de Varzim, nas Necessidades (Barqueiros), no dia da festa, no Rio de Janeiro, nas minas de Ouro Preto (Brasil), na Baía, etc.

Em 1754 o capitão António Fernandes Maciel mandou do Brasil, do Rio de Janeiro, de venda das fitas, 25.600 reis e, nesse mesmo ano, Francisco Rodrigues Lago enviou, das fitas vendidas nas Minas (Brasil), 43.450 reis. De todas as agências vinham anualmente importâncias avultadas.

★

Foi com as diversas esmolos já referidas e outras, para fins específicos, que os oficiais e mesários do Bom Jesus construíram um formoso e magestoso templo, em forma de cruz latina, todo abobadado de pedra granítica, em caixotões na capela-mor, nave, nos lados do transepto e suporte do coro, com a abóboda central do transepto aviajada e com largas nervuras. Sobre o portal da fachada ergueram um pórtico renascentista, encimado por um janelão elíptico, emoldurado por uma bem proporcionada rosácia, sendo o janelão emoldurado barrocamente. Mais tarde, no centro do frontão, foi colocado o brasão régio. (reinado de D. Luiz)

O torreão sineiro sobe do fundo da capela-mor, sendo modesto e baixo, não correspondendo verdadeiramente ao valor arquitectónico da bela capela, embora bem enquadrado com a parte traseira do templo.

As paredes da capela são tão espessas que foi possível lançar, por dentro delas, escadarias de acesso aos púlpitos e ao coro. As cantarias são bem lavradas, guarnecendo os cunhais, cornijás, portas e janelas.

Nos altares colocaram nos frontais madeira polícromada (decoreação fitomórfica) e esculturas e talhas de valor artístico, tornando a capela magestosa.

AGRADECIMENTOS

A família de José Moreira da Silva vem, por este único meio, manifestar o seu agradecimento para com todas as pessoas que se dignaram participar no funeral do saudoso extinto, bem como a todas as outras que de alguma forma lhe manifestaram condolências. Pedem desculpa de alguma falta que embora involuntariamente haja ocorrido.

A FAMÍLIA

A família de Ondina Reis Graça recentemente falecida, vem por este único meio agradecer a todos que de qualquer modo lhe manifestaram provas de amizade e consideração que lhe foram manifestadas por ocasião do falecimento do seu ente querido.

A FAMÍLIA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

DESPORTO

Por **JOÃO PEDRAS**

Já aqui várias vezes se referiu que, no começo desta época, houve várias assembleias gerais para se conseguir formar uma Direcção para dirigir o Clube Futebol de Fão que estava numa situação financeira bastante precária, o que fez esfriar o entusiasmo daqueles que afinal acabam por aguentar com este pesado fardo — honras lhe sejam prestadas e ajudas não lhes sejam negadas.

Ainda no final do último jogo, realizado em Fão, pediram aos associados para comparecerem na sede do Clube pois iria realizar-se uma Assembleia Geral Extraordinária com o objectivo de dar a conhecer a situação da colectividade.

O certo é que os sócios estiveram-se marimbando para a Direcção. Estiveram presentes alguns, poucos, mas suficientes para aprovarem o aumento das quotas que era um dos objectivos da reunião. Quanto à situação do Clube no aspecto desportivo, ela não é muito má se tivermos em conta que, no final da época, a maioria dos jogadores desertou para outros clubes, o que tornou difícil formar nova equipa, de modo a não desiludir os adeptos. No final o treinador é que acaba por pagar as favas. No entanto a classificação da equipa no início da 2.ª volta não é nenhuma maravilha, mas também não podemos dizer que é afiliva. Até não andaremos longe da verdade se dissermos que a classificação actual constitui uma surpresa para a maioria dos adeptos pois, atendendo aos resultados dos primeiros jogos, estariam a contar com o pior. É justo que se renda a nossa homenagem à coragem do Zé Manuel Vassalo, aos dirigentes e aos jogadores que compõem o plantel que em alguns jogos têm mostrado que afinal não são fracos como os pintavam. Levaram, é certo, uma cabazada de sete em casa do 1.º classificado mas foram empatar a um golo ao campo do 2.º, quando a justiça certa seria uma vitória e, no último jogo, em S. Paio de

Antas, com o resultado final a zero, não seria nenhuma injustiça se ganhássemos por 3 a 1, a nosso favor. A nossa equipa, fora de casa, tem conseguido muitos pontos e faz boas exhibições. Em casa não é tão desinibida a jogar. O medo das críticas põe-nos nervosos. Já, fora, não são muitos os acompanhantes e isso descompromete-os. Os acompanhantes, embora poucos, são bons e às vezes fazem mais barulho a incitar os nossos jogadores do que a assistência do clube visitado.

Queremos fazer dois apontamentos: o primeiro foi a louvável lembrança da Direcção comemorar o aniversário do C. F. de Fão no dia 25 de Dezembro. Houve um desafio e a equipa convidada foi o Esposende que milita na 2.ª Divisão Nacional B - Zona Norte. Veio o plantel completo, colaborando, portanto na festa. Ganhou por 2 - 1. Obrigado por tudo, Esposende.

O segundo apontamento é referido a nós, relator desportivo: já várias vezes pusemos este cargo à disposição do seu director pois não estamos interessados em ser importante por isso. E mostrar que gostamos do futebol, já o provámos com 19 anos tanto como jogador, director e treinador em part-time. Quanto ao valor, perguntem-no ao Esposende e ao Apúlia pois também lá demos o nosso contributo. Se já falhámos neste compromisso pedimos desculpas aos mais impacientes e lesados pelos nossos erros.

E como temos compromisso em falar do desporto, falemos também de canuagem. Se há poucas notícias, a uma temos que dar certo relevo. É que desde há uma semana está a fazer um estágio em Fão um canoista da Áustria e já não foi o primeiro. Hospedou-se na Pousada da Juventude e levou boas impressões do Clube Náutico de Fão.

Belmiro Penetra não é só um grande campeão desta modalidade como tem sido também um embaixador turístico da sua terra.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarinho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

ENTRE O RIO E O MAR, JUNTO AO ESTUÁRIO DO CÁVADO

Facilidades Especiais para:

BANQUETES

Casamentos
Baptizados
Aniversários

Reuniões de Empresas
Estágios Desportivos

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 98 14 73
FAX 053 - 98 22 65



TURISMO CHAVE DE DESENVOLVIMENTO

— RÉPLICA À LOCAL, COM ESTE TÍTULO INSERTA NO N.º 7 DO QUINZENÁRIO «FAROL DE ESPOSENDE», DE 91.03.14

Em 14 de Março de 1991, o quinzenário Farol de Esposende publicou a local referida em epígrafe, na qual foi evidenciada uma determinada figura esposendense, em detrimento de uma outra, essa sim que foi o verdadeiro pai do Turismo concelhho. Embora sem nunca pôr o acento tónico da sua política camarária neste capítulo, pois com os pés bem assentes na terra sabia muito bem que o Turismo não é a chave do desenvolvimento, mas apenas um dos seus polos.

Quisemos, na altura, replicar, não para aumentar polémicas, pois somos avessos a esse tipo de escrita, mas apenas para esclarecer os leitores de que o verdadeiro motor do Turismo Municipal não foi a personalidade naquele local mencionada. Antes uma outra anterior, tão indevidamente votada ao ostracismo e, por alguns, tão injustamente criticada. E a quem o concelho tanto deve, não apenas moralmente, mas até monetariamente, como adiante o provaremos.

Entretanto, e quando já tínhamos este artigo preparado, precisamente no dia em que nos dispúnhamos colocá-lo no correio, endereçado ao referido quinzenário, recebemos um dos números seguintes deste, da autoria do Director do periódico em que agora escrevemos, indo no mesmo sentido da nossa réplica. Já não a enviámos, por inoportuna. Posteriormente, com o objectivo de complementar o oportuno artigo do Sr. Dr. Armando Saraiva, com as devidas adaptações, enviamos a citada réplica ao Farol de Esposende que não a publicou, sob o pretexto, primeiro, de a letra, manuscrita, não ser muito perceptível; seguidamente, após a sua reescrita, por falta de espaço.

Porém, ultimamente, a Câmara Municipal de Esposende tem, e bem, homenageado figuras gradas do concelho, esquecendo-se no entanto de personalidades anteriores, já falecidos, que têm jus a uma muito merecida Homenagem Pós-tuma. Até porque, como está provado cientificamente e é um dos princípios básicos da Psicopsicologia das Organizações o futuro destas quer públicas quer privadas depende do seu Histórico, da sua Cultura Organizacional, da memória que se guarda das suas personalidades históricas e dos seus métodos de gestão. E uma das suas personalidades mais eminentes, se não a mais eminente, foi sem dúvida o Padre Manuel Martins Sá Perei-

(Continua na pág. 7)

O ROTARY DE ESPOSENDE FEZ ANOS

Dezasseis, exactamente. Na vida de um ser humano é pouco. Na vida de uma associação é já bastante, sobretudo quando se previa que um clube da natureza do Rotary não se implantasse num meio como o de Esposende. Pois o Rotary local fez anos e atrás de si deixa um rastro muito lisongeiro. Não foi por acaso que o Governador compareceu a trazer-lhe os seus parabéns. Foi uma subida honra, sim senhor. E até um agradecimento antecipado uma vez que os rotários esposendenses vão realizar, a pedido do Governador, a Conferência do Distrito, que é, por assim dizer, a festa de despedida daquela entidade máxima rotária e que vai trazer ao concelho cerca de 600 rotários do Distrito 1970 que é aquele em que o Clube de Esposende está inserido.

O esquema da festa aniversariante foi cumprido segundo mandam as regras que vêm no Manual do Processo que é uma espécie de Bíblia dos Rotários. O Clube de Esposende foi instalado em 23 de Janeiro de 1978 e teve como padrinho o Clube de Barcelos. O homem que muito trabalhou para a sua efectivação foi o rotário José Augusto que também compareceu na festa para trazer o foliar, isto é, uma mão cheia de palavras onde era visível a consciência de um padrinho baboso. E com quanta alegria José Augusto fumou o seu charuto *post-prandium*, o charuto da vitória...

O Presidente-surpresas (está-nos sempre a surpreender com inovações: desta vez foi o boletim do Clube) evocou no seu *momento do Presidente* os mortos que já lá estão: Ernestino Miranda, Albino Sá Rebelo, Carlos Martins, mortos que foram evocados com emoção e simpatia. Um momento de aplauso surgiu com a entrada de novos companheiros, e como era de prever, com o Presidente Adelino Marques tinham que ser logo dois: Manuel Rodrigues Martins Meira e José de Assunção Fonseca Rocha. Não há dúvida que o quadro social potencialmente ficou mais rico. Vamos ver se a potência se transforma em acto.

Depois foram as ofertas: um cheque ao Governador para as crianças da rua, da Beira, Moçambique, no valor de 430 contos, o maior que o tenente-coronel dr. Madureira Pires recebeu dos clubes da sua jurisdição; ramos de flores para a esposa do Governador, a benquista Ruth, e uma réplica da castrai de Esposende para o marido.

Seguiram-se os discursos: de regozijo, de José Augusto; de orgulho com elogios, do Presidente do Rotary de Barcelos, do dr. Armando Saraiva — o chamado discurso imposto; do dr. Tito Evangelista, «a sociedade desenvolve-se com a ajuda dos cidadãos» e finalmente do Governador, muito sensibilizado com o êxito da festa: dois novos companheiros, um cheque para a terra martirizada de Moçambique e grande companheirismo.

Enfim, uma festa bonita que radica no ideal de servir.

AS SENHORAS DA COMISSÃO

Estamos muito perto de poder afirmar que, afinal, as senhoras de Fão sempre vão realizar as festas do Senhor Bom Jesus. A iniciativa ficou um bocado tremida mas a ideia vai parav a frente. Quando se diz que um grupo de senhoras vai realizar... é mesmo de um grupo de senhoras que se trata e não de maridos que têm por trás as esposas. São elas que têm que contratar as bandas de música, de falar com os tamborileiros, de visitar os pirotécnicos, de escolher os armadores, de solicitar os subsídios, de organizar os actos litúrgicos, de fazer peditórios, de resolver as questões, de autorizar a montagem das tendas, de conceder e solicitar autorizações, enfim de pôr em marcha umas festas que hoje tem um nome que importa preservar.

Está tudo com os olhos postos nelas a ver como se vão desembaraçar, a ver que números novos vão surgir, a ver se serão umas festarolas bem conduzidas com entusiasmo e muita participação. A ver se dão de cara aos homens. Será uma atitude pioneira que não tem precedentes no concelho nem, quanto o saibamos, fora dele.

É certo que anos atrás algumas senhoras têm colaborado num ou noutro número, nomeadamente em exposições. Mas abraçar na totalidade as festas do Senhor de Fão, a isso nunca se aventuraram. Vão fazê-lo este ano. E nós temos a certeza que vão ser umas festas à Fão, sinal de brio, de nível e de entusiasmo.

Que o Senhor Bom Jesus as proteja!...

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO